

Marli Fróes

Carnaverbo



Belo Horizonte
2010

*Para Lucas Gabriel e
Raniel, frutos do meu verbo e da
minha carne.*

Copyright ©2010 Marli Fróes

Contato:

marli.froes@gmail.com ou

marli.froes@ifnmg.edu.br

(38) 99916-9217

Fróes, Marli

C999 Carnaverbo / Marli Fróes - Belo Horizonte:

Anome Livros, 2010, 104 p.

ISBN 978-85-98378-58-9

1. Poesia brasileira

I. Título

CDD:

CDU:

Catálogo:

Projeto gráfico, diagramação e capa: Daigo Leonel da Mata

Revisora: Leila Cristina Barros

Editor: Wilmar Silva



Rua Euclides Franco, 1147 - Pampulha

Belo Horizonte - MG - Brasil - Cep: 31370-250

(31) 3496-5314 / (31) 9975-6627

www.anomelivros.com.br

wilmarsilva@wilmarsilva.com.br

| Índice

Prefácio		09
----------	--	----

(Ivana Ferrante Rebello e Almeida)

I - Carne		15
-----------	--	----

II - Verbo		53
------------	--	----

III - Carne e Verbo		67
---------------------	--	----

IV - Carnaval		83
---------------	--	----

*Descobri que sou míope e vi a lua:
uma breve leitura de Carnaverbo.*

Ivana Ferrante Rebello e Almeida.*

Alberto Manguel, em *Uma História da leitura*, comenta que um sexto de toda a humanidade é míope, citando Kipling, Yeats, James Joyce, Milton e Borges como exemplos de homens de visão fraca. Guimarães Rosa encarna em Miguilim a sua deficiência visual de menino, para quem os óculos foram a porta do mundo e da poesia. Desde Tirésias, o cego que revelava verdades, aos vários ensaios sobre cegueiras com que a literatura universal nos brinda, a arte da escrita tem sido um exercício ao ver diferente. O verso é a

apoteose do olhar; pois cabe a ele, tirar sonoridade e de licadeza das coisas chãs, transformando-as em artefato, o que costuma escapar à maioria (“aqueles olhos que pouco sabem/ aqueles que ficam atrás dos olhos comuns”). Ou à parte não míope da humanidade, já que tratamos aqui de certo modo de vista que convida à distorção do olhar.

O livro *Carnaverbo*, de Marli Fróes, acontece simultaneamente à descoberta da sua miopia. Empunhando os óculos e a caneta ela se dá, corpo ferido e vivo, em golpes de versos. Sua letra é ágil e forte. Os óculos, recentemente adquiridos, obrigam-na ao dizer. O olhar enviesado, diferente, revela, afinal, o “olho / de vespa/ carcomida”.

O livro é dividido em quatro partes: Carne, Verbo, Carne e verbo, Carnaval. Palavra e corpo se emparelham, engalfinham-se, amalgamam-se. O corpo e a voz são os elementos desse tecido poético que se decompõem em partes - mãos, olhos, boca - para celebrar-se, ao final, na multiplicidade da festa da carne - Carnaval.

Na parte I, Carne, há uma evidente procura da consciência do corpo de mulher. São confissões em ritmo de prosa, em que as letras são signos descarnados, corpo desmembrado em partes, por meio das quais a poeta, míope, aperta os olhos para se ver nos detalhes, nos gestos, nas significações dos fragmentos que a constituem. Vê-se uma insistência em despir os nãos, no qual o eu lírico se despoja da vida corrosiva para abraçar o estado de poesia, mesmo que esta culmine num “poema feinho”. O Amor é palavra insistente, uma necessidade, um reconhecimento. O verbo poético, ainda que ferido, brinca, joga, dança em torno de si; a escrita da Carne e do Verbo é uma experiência lúdica.

Na parte II, Verbo, encontra-se a multiplicidade de leituras acumuladas: leituras dos livros e leituras da vida.

Em “Cosmo(a)gonia”, poema de inspiração concretista, o verbo se despe, em volteios de metalinguagem: “pala vraerva daninha/ que á árvore se enrosca/ se aninha/ es pezinha/ palavramosca.” A poeta diz a urgência da mulher e a poesia pulsa, aos borbotões. O Verbo emerge da carne ferida, como luz, em estilhaços de esperança.

Carne e Verbo, parte III, inicia-se com um chamado imperativo: “Olhe bem aqui!”. Aqui frequentam os amigos poetas e os poetas amigos. Drummond é convocado em seus sarcasmos; Cecília Meireles, em toques de delicadeza. Nas “Antipoesias” a poeta permite-se ao niilismo e confessa a dor, a morte, as descobertas, os bofetões da vida. Comunga com os iguais o seu perfil de mulher: “Vi nos olhos do poeta.”

Na última e quartaparte, Carnaval, a poesia se refaz em ritmos de viagem, a paisagem desfila ante os olhos do leitor. A carne desnuda-se em lampejos de sensualidade.

Às vezes, é a mãe que se impõe, com seu colo deus. Os versos ora encompridam-se, longa linha do horizonte no poema, ora se encolhem, na humildade infinita do verbo: “No final/ dores/ amores/ cores/ Haiti/odores/ neblinas/ purpurinas/ (...) / Tudo é carnaval”.

Fechado o livro, ajeitados os óculos, a palavra continua, atravessando a epiderme da folha, fundindo-se à celulose da carne. Carnaverbo é um livro que pulsa. Comove pela simplicidade, encanta por ser verdadeiro. Aqui se lê a mãe, a professora de literatura, a mulher, a cidadã. Principalmente aqui se vê com olhos de míope. A isso muitos de nós chamamos de poesia.

* Ivana Ferrante Rebello e Almeida é
professora de Literaturas de Língua Portuguesa
na UNIMONTES/ MG.

a divirto
isso
não é nada
é apenas
exercício
de
escrita
ócio
E CIO
OLH
O
DE VESPA
CARCOMI
DA CACOS
FAZENDO
FERIDAS...

I-Carne

Cenário:

Orquídeas milenares
nascem em mim
e ramificam para
outros corpos
não estranho
entranho
feito
lesma louca no jardim

POEMA CORRIDO E OUTRAS INTEMPÉRIES

A maternidade me fez esplen do ro sa mente feliz
Às vezes essa felicidade dói um pouco porque a alma hu-
mana é pobre e é rica

Quando meus olhos miram as meninas dos olhos de
meus meninos

sinto que sou deus

Mas nos desvãos dessa mãe-mulher (latência de viver)
orvalha uma fêmea que não está feliz

É preciso DIZER

É preciso SER

Esperava mais

Esperais

Esper

ai

E essas olheiras que não me deixam mais!

É o tempo...

O tempo está agindo em mim

O sono é um porvir nunca alcançado

Escavocados olhos,

para quê tu olhas se não dá mais tempo
para sentir?

Eu esqueci que tenho que chorar, mas
agora não tenho tempo.

Adiado esse choro de lágrimas (porque um cachorro
louco chora dentro de mim)

danço na chuva que não veio

Adiada a hidroginástica, a carteira de motorista, o artigo
científico, a poesia

e os óculos ...

E com isso construo mais miopias

O homem afetado joga-me suas dores
como se o meu fardo já fosse pouco
Lanço-lhe o meu olhar terno e louco
Mal sabe ele que construiu um pouco dessas minhas
olheiras
Por que insisto nelas?
Elas me incomodam!
Tenho as minhas vaidades...
Homem, cão que ladra e não morde!
Bicho previsível!
Como ele nunca toma jeito...
eu tomo o meu café
e saio cantando uma canção feliz dos
meus filhos,
orgulhosa da minha fibra quase nordestina
E penso que se eu tivesse mais coragem
talvez tivesse amantes
Mas é só por um microssegundo que penso nisso
Essa minha maldita formação judaico-cristã teima
em sussurrar!
Também eu não encontrei alguém que alcançasse a
minha poesia...
Por isso passo a mão no lápis
e desconstruo todos os lapsos
buscando alguma libertação
Agora não sei de quê mesmo eu preciso me livrar.
Também não quero mais pensar!
Cortar esse fluxo e dar o mamar...
chorinho manhoso de bebê, poesia para os
meus ouvidos!
Esse sim é o prazer!
A poesia é uma aporia
às vezes a detesto porque ela desnuda

tudo, e por isso também a amo
 ela vem circundada da coragem e da braveza
 Lembrei...

Entre uma mamadeira, ter que pagar a
 conta de luz
 e fazer a feira...

ainda mora, em mim, uma menina
 mutilada de sonhos

Pobre menina!!!

Também quem manda acreditar
 que a vida é toda ela uma grande
 verdade?!

Dar-te-ei mesocliticamente um tapa
 na cara pra ver se tomas jeito

E que jeito?

Aí aparece a mulher de peito equilibrando
 na voz grave

tocando poeticamente tudo que é grave
 na vida

Ah!! essa fêmea uiva vez em quando
 à cata de novidades...

Talvez alguém ouça, loba voraz enjaulada, com as
 pernas atadas
 atravessando as noites

Uma floresta não-desbravada mora dentro de mim e
 ninguém viu

Ninguém viu

ninguém sentiu

Quando alguém sentir, será um tornado!

Mas um tornado de música ritmada!

Agora experimento uma certa calma
 escuto a minha alma

e ela busca aqueles olhos da paixão

Como a paixão faz falta...
 Ontem ela passou por aqui
 de relance...
 poesia / paixão secreta e musical
 poucos a ouvem...

Os olhos – de quem nunca se esquece...
 não poder tocar...
 o que é tocável
 eles sorriam – de um riso dos nobres – do riso só
 daqueles que verdadeiramente sabem amar...
 E vi que eles ainda eram meus -
 mas não meus – de uma pobre possessão
 Livremente meus e nossos
 E foi embora, mas ficou...
 E o meu corpo qua se
 des fez-se
 no ar
 em
 mas
 plu

Ainda há muito mar para quem sabe amar...
 As ondas quebram e trazem
 suas conchas, estrelas e outros mistérios
 com os quais tecemos nossas redes,
 quase sempre bordadas de todas as sedes e alguns
 vícios e vácuos
 por eles muitas coisas escapam...
 e não nos tornamos completamente loucos...
 Eu, mulher rendeira e louca que sou,
 vou tecendo outras cores por esses vácuos
 e fico poeta,
 insistentemente poeta

cubro-me com um céu de estrelas, viro a rainha
do mundo!

Às vezes o mundo cabe dentro de mim
ele é bonito e é feio

aí eu choro, feito uma mulher israelita que
perdeu seu filho

e expulso várias Áfricas sofridas e todo
o Oriente Médio de dentro de
mim

Não aguento mais ler jornais!!!

Por outro lado é preciso encarar a África
e os tiranos do planeta

Mas que dor!!!

Abraço os meus filhos

querendo abraçar e acolher todos os
filhos do mundo

A miséria humana estende-se
pelo meu poema

que se acaba debilmente triste

Eu não o findo

Ele se fim(n)

.....

da

Hoje é outro dia

Que venha o poema feinho

E quem não tem o seu dia de poema
feinho?

Meu copo de vinho da safra mais delicada
se quebrou e entornou

Se um dia eu morrer

não vou para o céu nem para o inferno

vou é virar nota musical preferida de um ótimo
saxofonista

Vou me diluir toda e permanecer por aí...
Vai ser a revolução!
Os olhos de Lucas me abraçam,
vitoriosos que são, eu volto a ser feliz...
faço-te todas as reverências, grande rei que és!
Entre um dilema e outro
corro feito uma descompassada
Nenhum lema hoje abarca essa mulher
só uma veemente teima em viver
Não pensar muito para não sofrer de amor carnal
infeliz
por isso guardo em mim muitas mulheres á cata de
muitos amantes
Mas há um que me prende e eu não gosto
ele esqueceu a música e o inusitado da vida
por isso não combina...
Se ele não toma jeito
eu tomo banho
e corremos para outro dia
que poderá ser o mesmo dia
mas no fundo não será
Alguma coisa mudou
plutão já não faz mais parte do
sistema solar
muita coisa já saiu da minha
órbita
Que saia o que tiver que sair
e permaneça então a
poesia da vida
Antes em meus olhos
podiam se ver estrelas
entre elas muitos
dançarinos bailavam

Hoje se vê um sol tórrido nesses olhos agrestes
que brilham nas manhãs, mas queimam nas
tardes

E as tardes são terríveis
então o jeito é sentar na calçada
e brincar de ser uma rainha-vedete
desenhando em mim
uma nova mulher.

Calar

Desculpe pelo meu calar
Não é birra
Tampouco falta de afeto
Meu calar é prenhe de palavras-vidas
Meu calar é calor
É calo
Estampido de música a se insinuar
Desculpe o meu calar
Ele inaugura reinos
Numa dor, mas também numa força serena
Meu calar tem choro
Mas em breve é também festa.
Meu calar diz pra mim que a vida é muito mais
E eu a persigo
Correndo para agarrar
Meu calar busca a luz
O voo no horizonte
A coragem para voar.

Desculpe pelo meu calar...
Meu calar é calor
Meu calar é amor
É amor...

*(Poema musicado por Carlos
Farias no CD Canções da Aldeia)*

Canção da despedida

Meu coração chora as partidas
não há um jeito poético de romper com amores
há jeito poético de inaugurar felicidades
Embora seja difícil e dolorido
vou segurando essa bandeira

Deixar o outro livre
é outra forma de amar
Hoje eu te liberto!
Vai ser grande na vida, homem!
e eu serei serena
Dedico a você essa canção de despedida
Fico tentando adivinhar-lhe algum traço bonito
para ver se ainda te seguro
Mas não!
Não!
A canção é mesmo de despedida
Estou indo à cata de mim
meu coração já está distante do seu
Juro que eu não queria
Um amor leve, sereno veio
pulsando, latente, vibrante dentro de mim
E eis que eu me reconheci.

Diário devassado

Aceno-te com um lenço etéreo-perfumado
minha voz grave
pode atravessar os seus poros...
Não tenho nada de esdrúxulo!
Embora sendo esta mulher simples, que
arruma a casa,
mora em mim uma bruxa que doma todos os tigres
talvez isso um dia vire encantamento
Nenhum luxo!
Meu nome é fome
de todos os amores esplêndidos
É a minha unha que está suja!
O “menino seco de sonhos” e o “homem coxo”
às vezes sou eu
cansada das lutas inglórias
Mas mesmo a tarde sendo pouca
rompo os muros
Buscando-me no fundo da caverna
vejo que não há paisagem que me assombre:
assoma-me o desejo-luz
dissecando a própria vida
e fazendo-me poeta desnuda
a correr outras paragens.

Uma outra humanidade

*Para o amigo Carlos
Farias*

Erguerei um monumento nos seus olhos
Escalarei todas as manhãs e fins de tardes
para colher um beijo
e plantar uma flor

Amor é andar devagarzinho
para não assustar a primavera dos beija-flores
amar é não aprisionar o vaga-lume
navegar nas vagas e desejar o grande encontro
desde as vésperas vesperis e febris

Erguerei um monumento em seus olhos
e sairei cantando descalça
desnuda
e feliz pela cidade
De cima
desse monumento
olharei de maneira terna para todos os homens
e verei
- de dentro dos seus olhos -
uma outra humanidade.

As estações furtivas

espero ansiosa
pelo agosto
pelo gosto
de teu beijo
pelo brilho do teu rosto
não haverá outro agosto
tão
a gosto
de primavera
por isso te espero
nesta e em todas as vidas quantas forem
já te sinto neste vento
que insinua inverno
mas no meu corpo
já sinto
o gosto
de tua febril primavera
espero o verso, a viola
o trem, a passagem, a viagem
espero esse agosto
com o gosto quente de quem sempre espera.

Orfeu

Abro outra porta e outros olhos...
 a passagem...
 Acompanho a sedução do menino Orfeu
 poeta trovador
 Tem segredos e seduções
 é palavra-carne
 Entre o divino e o profano
 é sempre uma música que comove

Tudo é sempre ternura
 tudo é belo e é sagrado
 amor também é pele
 a profundidade pode ser enamorada
 saber amar é uma arte

Orfeu que escolhe, que acolhe, que ousa...
 que brinca e se equilibra na coragem
 Ah! eu sou sua Eurídice que vive
 porque você abre passagens
 É difícil não olhar para trás
 Então olharei para a
 frente!

Embebida nos olhos de orfeu
 meu corpo brasa!
 Por isso não olhe para trás
 não me verás esmaecer em fumaça
 seja como for
 já virei
 nota musi cal en-cantada.

Elegia que não aconteceu

Hoje não vi os seres serenos de minha tribo
os de alma pura
sinto-me em pele,
carne viva
não pertenço a este mundo...
Amo as pessoas de brilho na alma,
mas também não desamo os opacos,
eles apenas doem em mim
célula
a
célula
por isso meu corpo
compõe em segredo
uma elegia das dores

Por Deus!!!
há cores em meus olhos
meu corpo
baila à canção de morte
nestemomento
uma modinha de Villa-
Lobos pulsa sonora em um lugar do
corpo onde habitam os sons
Ah! Estou viva,
ogivas
transfiguro-me em notas, claves e clarins
Deslizando em todos os universos
sinfonias em sol maior
para essa elegia que não aconteceu
Agora os serenos e os opacos
dançam

célula
a
célula
bordando
luzes em
mim.

Canção da chegada

Para Leila e Anderson

Encontro outras paragens

e outras maresias...

mas volto ao lugar das montanhas

que de dilham as nuvens

Céu azul de cor vibrante!

O sertão é dentro de mim...

Trago sempre comigo,

essa

tímida alegria de chuva

Às vezes sou a árvore retorcida,

essa cor que embaça a vida

o capim seco

o suor de lavrador - a segurar fios farpados

e

as farpas de

vidas

Sou também essa pele tostada

o rio seco

a boca amarga

o som de viola a quebrar temores...

o rufar ao longe dos negros tambores...

O cerrado, um cenário barroco

O torrão preme de fertilidade

O barro úmido e ancestral

a lembrar o sopro da vida...

O sertão é am bíg u o:
A lembrança do beijo molhado,
a surpresa do polén,
explosão de flor e fruto!
O cheiro do cerrado
Deus e o diabo...

No sertão
ele parece estar mais perto, seja ele quem ou o que for
Por isso sempre inventamos as nossas alquimias:
encontramos as nossas divindades,
fazemos rebentos
e poesias...

Há um rio perene em mim

Sou sertanista!

L
A
R

Vou ao encontro dos meus pares
definitivamente este não é o meu lugar
Virei páginas de
livros bebi água fria
entornei a xícara
Acordei!
Ainda há tempo para a poesia
correr daqui para segurar os gestos nobres
que ainda estão em mim
Mudei de cidades
de casas
de jardins
e várias mulheres se perderam de mim
Abro gavetas, não as encontro
então volto nos rastros, em vão, catando alguns pedaços
e soprando outras mulheres
que colam em mim.

Apologia ao Nascimento

Sou uma estrela cadente
Guardo agora a beleza na brevidade
única de poucos instantes

Alguém verá
luz intensa e ínfima
rasgando um véu negro numa certa noite de luar
Alguém verá
flecha voraz no olho do mundo

Alguém guardará esse secreto signo,
esse desenho mágico vivaz
nos olhos sublimes
- aqueles olhos que poucos sabem:
aqueles que ficam atrás dos olhos comuns
fa-brinc-ando
(com) outras estrelas.

Não é tempo de morangos

beijos entre girassóis
tramas nos lençóis
olhos que desnudam
outras peles
beijo de vinho a contrapelo
homem e mulher nuespelho
a noite trans

borda

peles em estrelas
não é tempo de morangos
mas é tempo de estrelas...
desço o morro da glória
e sinto o hálito do Rio de Janeiro
arranco a pujante lembrança do sertão
das bananeiras que se abraçam
brinco com as suas/nossas solidões
o movimento é outro:
um pajé-mirim na sua dança ancestral
uma mulher em oração íntima
síntese de vários tempos
a lembrança da poesia
que se fez e não fez
os beijos, as luas que recebi
o vento no rosto
o gosto
a música tátil
alquimia celebrativa a
lembrar que é preciso agarrar o descomplicado da vida
e colher morangos no tempo de estrelas...

Brisa

Não sei se essa brisa que me toca
nessa noite veio de você para mim
ou se ela levará
um pouco de mim para você
A natureza sabe bem
que tudo está intimamente ligado
Corpo árvore vida!
Não!
Não abandonarei o amor
como abandoná-lo
se ele já sou eu?

Fina estampa

Nessa tarde onde o amor
se mistura ao sangue que corre nas minhas veias
nenhuma tristeza me abate
A saudade é serena
Bordam nos meus olhos a mais fina ventura e lembrança
A vida tênue e afinada
nessa canção de longa estrada
Beijos vesperais
até onde não se finda a madrugada
A vida os olhos a boca as mãos as pernas os pés o sexo
a luta...
notas musicais delicadas...
Querer...
lançar luzes, sonhos redes
e capturar o fino perfume
no compasso do coração
da pessoa amada
e fincar o pé nessa estrada...

Beijo de borboleta

Um beijo de borboleta
o calor, o céu e os cílios
meu coração ficou entregue ao seu

Príncipe a vagar comigo pela noite
entre becos, ritmos e beijos
entre os arcos, o desejo menino
A mulher vestida de sonhos
desnuda... recosta suas dores

Confissões, rubores num canto de amores
Passeio pela sua face,
navego na sua pureza
Nos teus olhos deposito todos os meus mais nobres
beijos
Roubo para mim o seu cavanhaque
Lembro agora a pele colada à sua
atravessando a madrugada
Nas tuas mãos e arte de amar
viro pluma
e fico para sempre sua
nessa orgástica espera e saudade.

Oração pura

Meu Deus, quero um amor grande
tocar o divino e o sagrado
amor leve, não-abismal
Não quero um amor servil
nem um amor escravo
Quero amor no ritmo
batida de asas
Sentir-me banhada de orvalho
e sempre em flor

Amor que saia pelos poros
amor verdadeiro,
amor puro
que me faça luzes
mesmo quando eu tocar o escuro
Meu deus
esse amor
esse amor...

Olhos ou invasão

Teus olhos insones
 atravessados por alguma tristeza
 não puderam (te) me ver hoje
 Escuto uma elegia muda nos teus poros
 Meus olhos beijam
 despem
 Ficas entre a porta e o desejo
 e eu saio contigo na minha madrugada
 e na minha solidão inútil
 Desejaria te visitar numa noite
 surpreender e inundar a tua sala prenhe de amor
 revirar a tua secreta biblioteca
 mergulhar nas tuas literaturas
 capturar a música ainda não tocada...
 desenhar os beijos de amor que não dei...
 passear no deserto de tua pele
 só por uma noite... talvez...
 Habitarei o seu espírito de fuga
 arrancarei a sua máscara
 e terei bordado em mim todas as belas noites...

Mãos

Suas mãos que acolhem
 desenharam amores

Sua escuta,
 O meu repouso

Nessa noite
 meu coração

entregue ao seu

seu canto

meu encanto

iluminando os meus os dias...

Olhar

O Sol indo ao mar

A solidão da véspera bordejando o (a) mar

Agarrar o que restou humano em nós

amar

amar

há mar...

Topos

Aqui

nenhuma brisa esquecida

O tempo carcomido por vespas

Ultrajados os arco-íris dos dias

Vários livros esvoaçantes

Lembrança boa de um beijo amante

Passos

Uma fêmea se abrindo para o produtivo (des) controle da vida

lembra uma menina no portão

recebendo flores e beijos

Quanta pureza...

O rosto fulgor de sonhos...

Onde, esse olhar de encantamento?

Onde?

Os passos passaram
 Outros beijos, outras flores e faces...
 Uma face estranha em minha cama
 O rosto de luz passou
 restam estes olhos cansados
 muitos gozos guardados
 e uma ínfima esperança de luz
 num remanescente corpo de orvalho agreste
 A mulher persegue os passos serenos da menina de outrora
 Meditativos...
 (Não) há um grande amor para segurar essa mão...
 A casa era pobre
 mas a menina ainda assim feliz...
 Os anos passaram e eu não vi...
 A mulher hoje não sabe mais como é ser cuidada...

Boca

A língua passeando pelas bordas
 O núcleo da flor
 em brasa
 As tempestades desfeitas de sua peletêmporas
 Os dois seres viventes
 totalmente entregues
 ao revés da dor
 do
 céu
 O Deus feliz espia

Síntese

Abraço Outros

olhosmaoscabeçapesboca
alquimia rebento e poesia...

Amor secreto

Busco-te-me
em todas as manhãs,
te perco nas tardes
e te reencontro nas noites
Esse amor é que me faz vir sempre aqui
tocar a carne e fazer revolução
Percoganhoganhoperco perc o rrendo
os meandros de mim.

Ficar no muro
na sombra,
no escuro
enegrece o presente
sabota o futuro
Homem
e
mulher
nu espelho
espiam, espreitam
levantam suspeitas
Sustenidos os gemidos
Pres sentem, o inevitável...
Já entregues ao desejo
... felicidade clandestina!
Um certo temor judaico-cristão
numa grande dose de desejo dionisíaco
Não importa...
Sendo hoje ou amanhã, um gesto de amor já se fez
A volição é forte, serena
tocar o seu rosto, sua mão, sua alma
num dia de chuva ou de estrelas
encontrar o nosso canto,
a nossa (c)alma.

Entrelugar

Os desencontros
e algum silêncio se fez
O desejo luz
numa penumbra infinita
A vida se fazendo de caminharos distintos
e teias confusas
Anjos tocando trombetas
no absurdo da vida
Luzes coloridas na praça
Homens, mulheres, crianças, velhos apressados entre
pacotes, poeiras e frenéticas buzinas
O mundo correndo
e dois olhos pararam fixos
nessa fragilidade que é a vida.

Além da miopia: carta a meu pai

Para meu pai Expedito

Há alguns dias descobri a minha miopia...
Hoje descobri a lua!
O mundo, as pessoas, as belas pessoas
são mistérios que se deixam revelar aos poucos
Eu precisei tornar-me míope
para redescobrir a lua
Fiz meus óculos...
Essa lua! ah! Essa lua...
de quem eu não me lembrava mais
Resolvi agora não adiar mais nada na minha vida
aquela carta de amor, para o meu pai sair do alcoolismo,
começará a ser escrita a partir de hoje
Há mais de um ano penso nela
para que seja perfeita e as palavras sejam poesia/flecha
atingindo o ponto certo
Ela já está pronta dentro de mim, já faz tempo.
Ela dirá: ô pai, a vida é muito mais...
vamos romper nossa orfandade, vamos ser pai/filha e
filhapai,
vamos dar as mãos, passear pela praça,
contar piadas, elogiar as notas escolares...
e por que não as notas musicais...
elas já passaram, mas meu coração ainda espera pelo seu
zelo
também ofereço-te o meu,
Às vezes posso ser mãe, às vezes filha...
E ainda lembrarei: as reuniões escolares passaram...
meu amor/filha ainda não

tpm

sangue vermelho
jorra, brota quente
dentro de mim
viro fada
onça
algodão doce
10 faço
no ar
faço guerra
querendo fazer amor
pinto a cama
da nódoa dor
in - vento dores
para
alguém
segurar
a minhamão
contramão
corrimão
que desliza
para
outras brisas.

Novo caminho

Árvores fugazes
novos olhares
Estrada...
Capins que acenam
besouros e borboletas
em reverência...
Vento, rio, calor, movimento dentro do coração insano
Dois olhos insones hasteiam
a bandeira do amor
Rio, ponte, vento
Sertão
Velho Chico
Coração hasteia a bandeira do rio
Rio!
Lembrar de ler Clarice
e sair da mesmice
Beijar o novo amor
sentir o corpo febril em flor
Beijo de cigarro e aguardente
O amor é mesmo quente
quando não surpreendente!
Mãos em brasa
Olhos, boca, risos
Abras(ç)am
Palavras aves raras
encostar na parede
só se for para
preliminares...

Um céu acena nosso amor
de cena de
cinema
Nenhum dilema
Sexo, rio, ponte, beijos de sol e lua
eu do jeito mais nobre:
mulher toda nua.

Quase fim

Não olhei para trás
seguí apenas...
nobre guerreiro
sabe escolher
por qual guerra se deve lutar

Minhas armas ficaram no chão
(isso eu escolhi)
há muito tempo
mas o meu coração não!!!

Sigo sem medo e sem dor
sou outra e sou mais
já carreguei tantos “ais”
hoje vou deixando as roupas e a pressa

Quando é silêncio
também faz-se um canto
Tanto o sol, quanto o vento ou o mar
estão onde/quando e o quanto devem estar.

II- Verbo

Cenário:

Os halos e as hastes
da planta palavra ancestral
atravessam os
poros
não fincam em
solos
inauguram
quadros
para um bêbado
trôpego
atro pel ando
um jasmim

Encontr

o

Para Kátya Queirós

A guerreira galopa em seu corcel
numa velocidade que alcança a ancestralidade e o futuro
Seu rosto ventania
cabelos pincelando a paisagem
rumo ao seu ponto de chegada e de origem
Terra, sol, água, ar, éter
elementais de outros dias
transe
pajé abençoando...

O chamado da filha da terra
cheiro de erva, cachimbo
a cura, o canto, a dança
guerreiros de outra tribo
Encontro com o sangue da pura estirpe
lembrando por qual guerra se deve lutar
Filha do povo austero
selvática beleza
guerreira desgarrada
volta a galopar
Curandeiro aconselha

(por meio da filha da luz)
à filha da terra a ser como a árvore
fixar os pés na terra e voltar para o alto

Em outro plano
pierrô-mulher ri e dança
fotográficos instantes de luz
Liberdade e beleza, é de dentro da gente
Vida é festa
Ser deus é seguir o movimento da mãe-terra
colher a flor da vida
respirar o aroma do novo lar
Flor, pés, pisadas mansas, passadas largas, leves e finas
cheiro de mata, sons de riachos
A tribo no olho urbano
tra-ce-jaaaaaando outras paisagens...

Inventário

O vaso grego, que agrega sonhos
Um camelo, os retratos, os bilhetes, os cartões, poemas,
textos

CDs e afetos, meus amores prediletos

As Pirâmides do Egito

num refratário de perfume

Três homens me bordejam

Vaga..... lume

Um beijo a contrapelo

seus olhos no espelho

O sol que insinua:

eu - uma mulher nua!

Cheiros, artefatos, brinquedos...

meus bebês - a minha plenitude

bibelôs e contas para pagar

Meus calos...

não calo!

A literatura: um mundo no armário

arqueologias letris

poesias, filosofias, poeiras...

gavetas para arrumar!

O gozo da véspera

lembranças febris

as palavras silenciadas

as pessoas amadas

um amigo na índia

a América Latina

rosas alegres

flores tristes

chinelos em direção ao mar

o Tibet sem lugar
as crianças do Paquistão
as crianças do Ceará...
rosário, Arthur Bispo do Rosário

Inventar o Brasil!
diário...
ri SOS... rio
inventário não é para ficar no armário.

Cosmo (a)gonia

Para a grande amiga Cida Nery

O homem lavra
homempalavra
larva
da leva
herança de adão e eva
palavraerva daninha
que à árvore se enrosca
se aninha
espezinha
palavramosca
tosca
indiscreta
a palavra certa
a palavra secreta
palaaaaaaaaaaaaavra
que livra
palavra-livre
ao vento
ao sussuro
aos murros
palAvra
que edifica, que fica
que vai
que sai
palavra que dói,
constrói
que destrói
palavrafeto
palavra incerta

insegura
ou pura
SATUR
A
PALAVRA
USURA PLVA
UUA PVA UA
PA
UA
PU
U
U mundo é palavra

Lavra dor

Os olhos bordados de sol e chuva
a crença no céu
no horizonte porvir
finca a enxada e o coração
escreve a sua história de lavrador
circunscrita nas mãos

Lavra o lavrador
sabendo que sua maior lavra é o amor
o paraíso
materializado na explosão da semente
céu, sol, sal, suor
composição do universo
ritmo da terra
e dança do lavrador

A voz o suspiro da mãe-terra
recebe
céu
o suor
o sal
o sol

rebento...

fazendo a alquimia lavramor.

Outra voz

Caminhar na contramão da história
sob as vestes encharcadas de chuva e sangue
para deslizar em todas as planícies
e louquices
Ao invés de um parapeito, um peito aberto para alguém
plantar uma flor
ou cravar um beijo de amor
É preciso fazer mosaico dos ossos feridos da vida
abrir as compotas do rio de dentro de si
beijar a noite agreste e os mistérios dessa cidade
perseguir os livros a atravessarem os navios e o mundo
tocar os poemas esquecidos, náufragos do poeta...
Somos a orfandade ancestral buliçosa
e os espasmos do homem pássaro
a desvendar ruínas e cabalas
Chegaremos algum dia ao coração da vida
para beirar a palavra-Deus
uma poesia tardia.

Tempo de poesia

Hoje é quarta-feira de cinzas
e eu devo renascer delas
Hoje pertenço a mim
A liberdade brinca em meu corpo
e acena luzes
Um vento lateral
chega até mim
Beleza é de dentro da
gente
e ela acontece
tão grávida quanto uma fêmea
em estado de graça
Um vento lateral
acena outras mãos
para mim

E eu vou...

Nascedouro das palavras ou os pirilampos azuis

Pirilampos azuis
passariam na minha cabeça
bordando as ideias amarelecidas
As poesias suicidas
nas viscosidades da vida
Miro os pirilampos que
em voos invisíveis
mordiscam meus seios
pele, película em rebento
provocando o nascedouro da palavra
E eu...
se não me transmuto em poesia
viro pirilampos azuis
a bolinar outros seios...
pele, película rebento!

Toda Poesia

Tua pele poesia
gestada na noite
pulsa fulgural pela madrugada
e me atravessa nessas horas do dia
Eu não adivinhava
a surpresa desse segredo sagrado
o inusitado da vida
Não há pecado
há muito deixei essa crença de lado
por isso fico feliz em pelos
Olhos, mãos, bocas-palavras
arrebataados pelo sublime
um canto novo,
serenata cristalina
ao dobrar de uma esquina.

Quero uma (a) palavra

Quero uma palavra, uma imagem, um cheiro, um gesto
que te exprima nessa tarde
O toque ainda resta quente
impresso na pele
A lembrança guarda a sensação
mas jamais é o vivido
O nome?
embora precário – pode ser saudade –
não é a saudade do ausente
não é o melancólico e a incompletude que trazem esse
signo,
É a plenitude
a presença em flor,
ogivas, sempre-vivas de amor
Nessa tarde entre livros e gestos escriturais
mulher que avizinha, espreita, aquece
aquele olhar prenhe de sonos e sonhos
agarrado na voz vigorosa da noite vespéral
Desejo um gesto, uma mão que me segure
nessa e noutras delicadas tardes
Quero, livremente,
a palavra-pele
beijo que atrele
tempo-espço-luz
e sele os corpos – palavras, rubores e fulgores eternos
a palavra e a pele
acariciadas...
assim tão profundas e tão leves...

Canção de vida para Clarice

Eis que surge, clara, a
Clarice Clariciando o desejo
de luz Visão do esplendor
Entre livros, cigarros, bichos e amigos
seus olhos oblíquos perguntam
o mundo
Como uma canção mágica misteriosa e apaixonante
seu corpo/alma transfigurou para um outro plano:
o da poesia
A estrela perpetuante de todas as horas
de Corpo inteiro desbrava os corações selvagens
e vira água viva brotando nas nascentes das estrelas
Haia, vida, clara Clarice, uma mulher, todas as mulheres e
vá-
Ria
s
Uma aprendizagem de prazeres,
sopro de vida
nessa via crucis do
corpopalavra
para descobrir
que estamos todos na cidade
sitiada
aprendendo a viver.

III-Carne e verbo

Cenário:

Olhe bem aqui!

Aqui!

Isso!

Assim...

Sim!

O Haiti

Dói

É

D

E

N

T

R

O

De mim.

Olhos do poeta

Para Wagner Rocha

Vi nos olhos do poeta
que ele não sabia o que fazer da dor
Meu amigo-irmão
entre os meus gestos (des)umanos (tal-
vez...)
tu me acodes
eu que só queria te dar poesia...

Na tentativa de tirar a minha dor dos teus olhos
te dedico essa poesia:
nem toda vida é morte
nem toda lágrima é fel
nem toda dor é amargura
um dia, eu sei...
rebento e poesia
(se já não for...)
tudo se desdobrará em flor.

Antipoema

Um antipoema dói calejado
grito surdo-mudo
num dia de danação
Palavras algozes
consumindo os restos de canções
Nenhum gesto pleno de vida
que abarque, resguarde, resvale
esse corpo esqualido

Só queria uma mão
que me tirasse desse dia de não

Deve-se escolher um caminho
ou ninho...
A mãe não advinha a dor da sua menina
menina órfã de mãe viva
Uma taça se quebra
um olhar se perde na cidade
antipoema toca as chagas
e uma mulher morre nessa tarde
O antipoema roto
arranca uma outra
mulher, (anti)poema ainda que (t)arde!

Poesia ou antipoesias em atos

Primeiro ato: amor sublime

Seguro no meu colo
 nos meus olhos, no meu sangue,
 os meus filhos
 Raniel, o anjo em sonhos
 Lucas Gabriel, a luz anunciação de minhas alegrias
 escorregadio
 mas toca serenamente o meu rosto
 mamãêêêêêêêê
 esse chamado-canção
 me transforma em deus
 Meu sangue, minha carne -
 minha mais nobre poesia explodida
 Os meus amores-supremos
 a minha acomodação feliz
 a força guerreira
 atravessando os dias
 meus filhos – o verbo de Deus...

Segundo ato: descoberta

Entre dramas e más-escolhas
 me encolho
 Pensando não saber mais quem sou
 meu filho me acolhe
 - É verdade que morei na sua barriga, mamãe?
 respondo que sim, feliz de relembrar a minha experiência-deus

e ele sorri, fazendo sua poesia, aliás, melhor que a minha:
- Então você é uma mamãe-casa
E assim continuo a acolher todas as formas de vida,
na esperança-luz de captar outras alegrias.

Terceiro ato: gravidade

Um homem na sua ociosidade senhorial
uma fêmea prenhe de poesia
contas a pagar
a necessidade de sair para o trabalho
e a poesia não se fez
O filho na sua inocência-luz pergunta:
- Mamãe, você mora aqui na minha casa ou na faculdade?
eu e minha poesia morremos um pouco nesse dia.

Quarto ato: Sarcasmo

Hoje estou assumidamente triste
é que me deparei com a possibilidade de morte
fazendo um seguro de vida
Se pudesse eu condenaria esse gerente branco de banco
que me trouxe essa ideia de morte
Em vez disso
faço essa poesia
e deixo meus filhos assegurados
não sei bem de quê.

Golpe final: Confissão antiacadêmica

Confesso:
na sinceridade do meu querer

pouco importa a monografia, a dissertação ...
a tese já é dor e importa menos ainda
O que vale é o beijo e o cheiro diário dos filhos
e o tempo da poesia
O que vale é saber, é querer e sentir ave, ávida a vida.

Luta e celebração

O espelho atravessando as coisas
as coisas atravessando o espelho
embate interno
fêmea travando luta com as sombras
nimbos de outros dias...
O grito é vermelho
o silêncio é sombrio
o brado silenciado, incolor
A mulher nessa tarde é grave
tecendo de seus fios-dores
etéreos mosaicos
embriagados versos
re ver SOS poesia/você
cantos sinfônicos,
vidas polimétricas,
Já a mulher ontem mulher hoje
ainda assim...
assim
TRICAS.

Menino verde

Homenagem ao colega Jorge Mendes Junior

Dos seus óculos nascem musgos verdes e ancestrais
 Não sei ainda os seus olhos
 mas saberei
 É um menino que amarra as pontas do tempo:
 tem a impregnação do passado
 e tenta agarrar-se ao presente
 Quase se encolhe em posição fetal
 mas sua palavra é forte
 tem desejo de vida
 Adivinho-lhe a sua tristeza
 sinto-te filho
 eu-mãe-zeloza a te recolher
 Adivinho também uma alma bonita
 O menino azul de Cecília Meireles – nele –
 saiu-lhe a galope...
 e ficou o menino de musgos verdes e ancestrais
 Dentro de seu peito uma samambaia chora...
 O menino musgo
 respeito esse menino
 o menino verde
 o menino vida...
 ainda há vida...

Não é niilismo

Para Bia Ignácio

As árvores e os olhos...
ambos se despem
des

bo

ta

dosssssssssssssss

As horas presas no asfalto
roda que gira desolada
uma dançarina se equilibra em frágeis
pés
o céu em desengano de chuva
o sol sedento de orvalho
o sal dos poros
o sal da terra
os passos minguados
Nenhuma semente transmutada em rebento
Bia Ignácio, atriz – revivida – debocha dos homens
e faz sua revolução
Seguro a mão do homem e o seu cão dissolúveis
A cidade dorme como um lagarto no deserto
O dia só não se perdeu porque ainda há mães que amam
seus filhos
A cidade adentra para a noite
e
some
na paisagem.

Contra(o)tempo

Os pés fincados nos dias, nas horas, nos instantes
A cabeça voando para outras paragens, agarrando
mãos que desenham outras paisagens

Os fecundos momentos
habitando nossos sóis

O porvir dos lençóis
quebrando pêndulos e ampolhetas
inaugurando os beijos –borboleta ...

O tempo não existe
só há a febre passeando entre os girassóis

O segundo desfazendo o século
o século transpassando o segundo
nas horas vivas da minha pele

Um segundo – uma vida ou lampejos de vidas
um segundo – uma morte ou uma eternidade

Os pés voando pelos dias
plenos...
prenhes poesias

Holograma

acima de mim um Deus
abaixo de mim uma cama
debaixo da cama
um pensamento
acima do pensamento
uma imagem
embaixo
uma mulher em trapos
lutando com os seus fantasmas
acima da cama
a pele
abaixo da pele
um lençol
acima
os sonhos
abaixo
escrita de sangue
acima
os homens
embaixo
a fome e a unha encravada
acima
as nuvens
acimaabaixo Deus e homem espia
Holos holo gr ama

Circula

r

A roda da vida

é moenda que vai

e

vem

traz saudades de

coisas vividas

rebate o que não se viveu

espezinha essas nostalgias do que foi e não foi

macera com flores

os amores vividos,

e os amores nunca tidos

para mostrar:

nada se acaba

fica latente em algum lugar

Bem longe, bem longe

nem eu sabia

há alguém que ainda suscita poesia

O tempo refaz

recolhe

a paz, a guerra vividas

a paixão mais remota

tudo vira nota

mu

si

cal

embala os sonos,

ainda me encontra nos sonhos

pontos de delicadezas

segredo encantado
 conforto e incômodo
 esses amores...
 esses amores passados
 insistentes
 ainda fazem suspirar
 é a vida...

....
 É a vida...
 ainda fazem suspirar
 insistentes
 esses amores passados
 esses amores...
 conforto e desconforto
 segredo encantado
 pontos de delicadezas
 ainda me encontram nos sonhos
 embalam os
 sonos

tudo vira nota mu si cal

A paixão mais remota
 a paz, a guerra vividas
 recolhem
 o tempo refaz
 Há alguém que ainda suscita poesia
 nem eu sabia
 bem longe
 bem longe...
 fica latente em algum lugar...
 Nada se acaba
 para mostrar
 os amores nunca tidos,
 os amores vividos

Maceram com
flores
espezinham essas nostalgias do que foi e não foi
rebatem o que não se
viveu e
coisas vividas
e trazem
saudades

É moenda que vai
e
vem...

A roda da vida...

Concepção

Lucas não nasce
Explode!!!
Eu morronasço
nesse mormaço
que é o hospital
Gravidez
difícil
Rebento é amor
Mas é também dor
Por isso eu re-concebo todos
os dias
E Lukinhas no meu peito se aninha...

IV - Carnaval

Cenário:

Não tem cenário
é
terreno árido
dias
e idas
falta gás
falta comida
na casa de Dona Cida

_____ : o assassinato do bailarino Igor Xavier

Para Marlene Xavier

O bailarino teve seu passo interrompido
 só porque amava diferente
 mas o certo é que amava
 e amar é para poucos...
 leituras, poesias, movimentos, cinema
 no psiu poético coreografias do amor
 a leveza da boemia
 luz, salto, dança
 esse ponto de luz nos palcos de Montes Claros
 hoje _____
 só resta uma mãe-vísceras
 amigos-dores em (im)potência
 no embate com as leis para reis, hipocrisias,
 nós bobos da corte insistentemente
 na busca ainda
 que t(arde)
 do mais caro e nobre sentimento
 que é a força que nos move para a vida.

Beco do rato

No beco do rato um homem acende um cigarro
outro mija
quase nos pés da menina
Avisto o casarão de Bandeira
ando em eira, na beira
mas é no beco
que esqueço a conta de luz, a feira
No beco um som e uma maresia
Enxergo alguma poesia na
sujeira e submundo
do cabelo de um maluco que quase dança
de um velho seboso que
balança, feliz, a sua pança
Ajeito a objetiva para outra
cena:
e ela de novo
nos flertes
olhos felizes
O mundo dela tem promessa de amor
confidências
lábios nos lábios
arco-íris
arcos da lapa
transa
trança
entranha
as retinas
e atravessa
as pernas
do menino
enovelando
a menina
O mundo parou

Tamborins e bandolins
Um samba doce anima
 aninha nos
 corpos em
 flores
desses amores...

Beco do rato
 é eco
 e ato
 amor
 é
 fato!

A viagem

A plataforma o trem as coisas passando...

A casa corre, um quintal grita

A dona fina das coxas

E a criança amarela

Uma árvore sozinha

Outra descabelada sai

chorando por ela

Um cachorro vagando

na imensidão vazia

Urubu em cima da vaca

Capim seco, capim seco,

tristemente seco

Um rio tímido de vida

Ossos - restos de mortes

A nuvem corre solitária por cima dos eucaliptos

Nenhuma vida acena

por horas

e horas de tédio

Se não fossem os dois meninos nus,

sujos e limpos, se rindo de um adeus sem fim

não haveria trem viagem nem passagem...

A propósito de coisa alguma ou da estupidez que invade

O dia tem lembrança de fome
Os olhos percorrem a paisagem de sol a pino
carcomidos em ânsia de um caminho infinito...
Não houve céu
Não houve mão
nem uns pés para se fincarem nesse chão
Nada
nenhuma brisa do norte
nem um hálito tímido do sul
apenas uma avó louca e estúpida
no supermercado a esbofetear
uma criança
e dispersar o amor
O dia não tem nada não
nem amargo,
nem ácido,
nem doce, ou acre
tem todo o gosto da danação.

**Contraode à mulher que
embaça**

Máscaras

farsas

A mulher carcomida por traças
na suas inutilidades (des)humanas

Nenhuma promessa de mar

de amar

de estar

verdadeiramente

onde o amor leve está...

Ela é apenas

um parasitismo perverso

do qual fujo

Por isso eu me seguro
é na minha infância de quintal
e saio correndo desse mal...

Ironias nessas letras
festival...
Virgilene sua cara metade, toda inteira
na verdade é a sua montanha das trezes canções
Liverpool é o lugar onde ainda não fostes
não importa...
eu também não
Mas a letra pode tudo
viagem, passagem, nimbos, paraísos,
tudo o que for preciso

O menino no homem
ainda tem fome
Insisto no menino do asilo da Lapa
suas lepras
suas farpas
trépicas
refinadas
sua poesiamúsica
em VOOs
nas minhas
asas
10
 ritma
 das
amadas... amadas... amadas

Seguro a tua mão, menino
Vamos ver juntos os voos das borboletas
o seu medo
o meu enredo
sua poesia
antropofagia

mar-gi-ná-lia
golpe cusparada
na cara dos canalhas
vai ser poeta assim...
nu
coração do mundo
você vasto mundo
(in)
sacando poesias e
bor dando milagres

Anjo louco

Para Aroldo Pereira

Carnaverbo | 93

no seu cabelo
ia 01 vento
na sua cabeça
com certeza
fazia-se uma poesia
no seu coração
tinha 01 outro mundo
o que pulsa mais vida
uma luz no seu rosto
luz igual nunca vi
foi um anjo alado
moreno
barroco
anjo de desejos e volúpias,
anjo de carne e espírito
que passou por mim...
não me viu somente
porque viu o mundo
e vendo o mundo
viu a mim
anjo dos beijos azuis
preferido meu e dos querubins!
esse anjo louco, alma de menino
cinemando marginália
oiticicando
ando
ando louca com seus livros parangoray nos colares
múltiplos corpos e olhares.

Contraode à poesia objetiva

Pintura de cena
não acena...
lençóis, cama, relógio, ampulheta
mulher
homem
sem voz
Não há cena:
poesia objetiva

...
Objetiva que nada!!!
Da minha objetiva de sanguecarne
vejo suas pálpebras em voos de pássaros
Uma flor de nádegas brota
na cabeça do homem
Reviram-se a cama, despem-se lençóis
blusão, camiseta, cuecas, vestidos, calcinhas
em projeções retilíneas
Restam inertes os relógios, brincos, ampulhetas
em neblina
Dança ancestral, enroscar
dos sexos e coxas que
se aninham
no poema que se
anima.

Pela pureza

ela
faz um amor fino
é pelo girar do balanço
no
brinquedo
de (o) menino

Jogo

Eu mulher-arlequim desvio do
seu beijo de alecrim
deito na sua cama
em promessa de jasmim
toco a lua
fico toda nua
só para dizer
que nessa noite
sou toda sua

**Frut
o**

O mundo dos homens
é um membro teso
pronto para
invadir
Eles
mal sabem
que todos somos engolidos
e quase sempre
não produzimos rebentos
Vozes jogadas
ao vento
Nenhum sustento
que atente
para a força
que tem a semente

**Abs-
Tra(c)t
o**

Não quero nem saber
o que foi feita da orelha de van gogh

quero mais é me embrenhar no
orifício da sua boca

antes

que venha

outra

e você

(me)

t(r)oque

Sem explicação

Para Evando Nascimento

Se a poesia dissesse tudo
não seria poesia
de resto
uma hipo
cri sia
(Não!)
(in) vento
amores
dores
odores
vida é fato
é
eco
é ato
é preciso
fino trato

Carnava I

No final
dores
amores
cores
Haiti
odores
neblinas
purpurinas
becos
urinas
a gripe suína
tudo
é carnaval (?)

Este livro foi impresso em 2010 na cidade de Belo Horizonte. O papel da capa é supremo 250g/m² e o papel do miolo é o Off Set 90g/m². A fonte dos textos é a Calibri, corpo 12, com espaçamento 14,4 pt.

